

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

SÔNIA MARIA ZANUTO DE LIMA

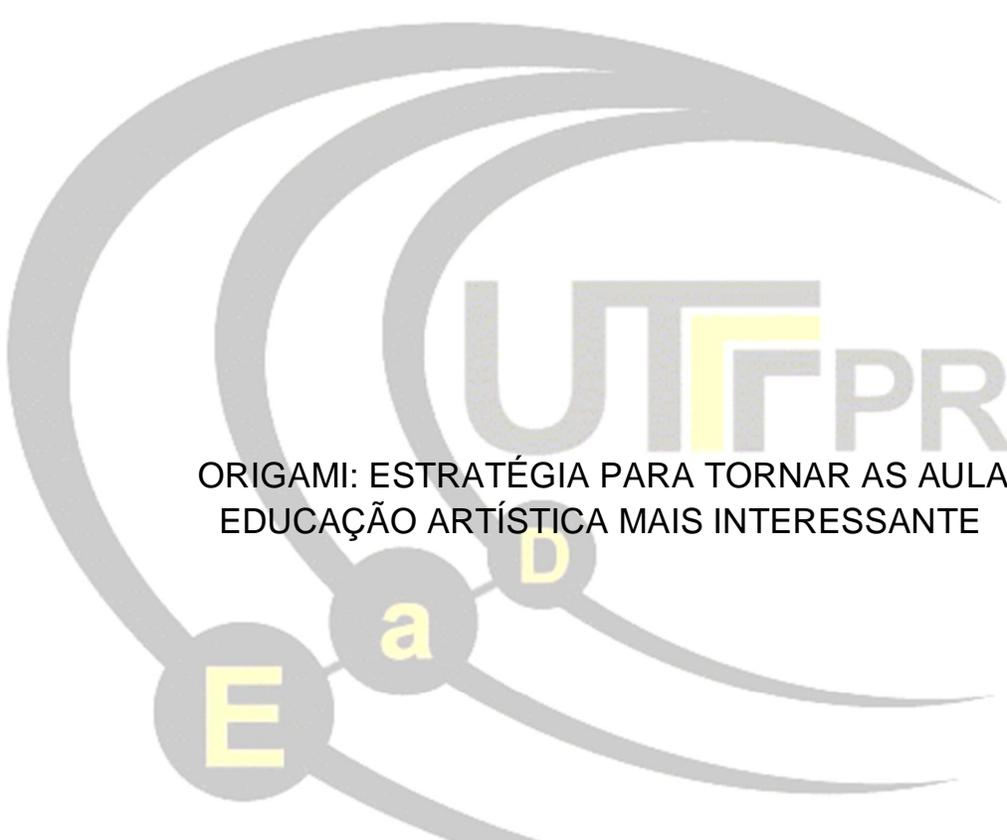
**ORIGAMI: ESTRATÉGIA PARA TORNAR AS AULAS DE
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA MAIS INTERESSANTE**

MONOGRAFIA EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

MEDIANEIRA - PR

2013

SÔNIA MARIA ZANUTO DE LIMA



ORIGAMI: ESTRATÉGIA PARA TORNAR AS AULAS DE
EDUCAÇÃO ARTÍSTICA MAIS INTERESSANTE

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioere, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Profa. Dra. Elizandra Sehn

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

ORIGAMI: ESTRATÉGIA PARA TORNAR AS AULAS DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA MAIS INTERESSANTE

Por

Sônia Maria Zanuto De Lima

Esta monografia foi apresentada às 09 h e 10 min. do dia **14 Dezembro de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Pólo de Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^ª. Elizandra Sehn
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof. Me Cidmar Ortiz Dos santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Me *Fausto Pinheiro da Silva*
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

À minha orientadora professora Dra. Elizandra Sehn pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira, assim como aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

RESUMO

LIMA, Sonia Maria Zanuto. Origami: Estratégias para Tornar as Aulas de Educação Artística mais Interessante 2013. 31 folhas. (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática unir teoria e prática juntas, demonstrando uma nova proposta educacional contemporânea, sendo como objetivo principal o origami e utilizá-lo como instrumento metodológico no ensino de artes. O trabalho expõe ricamente o histórico do Origami juntamente com os benefícios da arte de dobrar papéis, a influência no âmbito educacional e algumas possibilidades interdisciplinares, através da busca da ludicidade e da criatividade que através do desenvolvimento das atividades artísticas que misturam essas duas características artísticas.

Palavras-chave: Arte -- Origami – Criatividade

ABSTRACT

LIMA, Sonia Maria Zanuto. Origami: A Strategy for Making Arts Education classes more interesting 2013. 31 sheets. (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as theme uniting theory and practice together, demonstrating a new proposal contemporary educational, being the main objective of origami and use it as a methodological tool in teaching arts. The work exposes the richly historic Origami along with the benefits of the art of paper folding, the influence on the educational and some interdisciplinary possibilities, through the pursuit of playfulness and creativity through the development of artistic activities that mix these two artistic features.

Keywords: Arts - Education - Origami - Playfulness - Creativity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 O ENSINO DA ARTE NO BRASIL.....	10
2.1 Arte: Conceito e história.....	10
2.2 O ensino Arte no Brasil: Retrospectiva histórica.....	11
2.3 O ensino de Arte: A função da escola e do professor.....	15
2.4 O ensino de Arte: Aspectos legais.....	19
2.5 O ensino de Arte na escola: Recursos auxiliar.....	20
3 METODOLOGIA.....	22
3.1 Pesquisa bibliográfica.....	22
3.2 Pesquisa de campo.....	22
3.3 Caracterização e perfil social e cultural da sala de aula pesquisada.....	23
3.3.1 Atividade com os professores.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
4.1 Análise das atividades desenvolvidas.....	27
4.2 Análise do questionário.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
ANEXO A – Instrumento de pesquisa	34
ANEXO B _ Fotos.....	36

1 INTRODUÇÃO

A arte é um dom que toda nação possui, através dela podemos aprender sobre a época e cultura das nações ou sociedades existentes no planeta, sendo que a arte expressa sentimentos, estilos, expressões, emoções, origens, habilidades e características de um povo. A arte surgiu a milhares de anos e atualmente tem ocupado um importante papel em nossa sociedade e na escola.

É de suma importância que professores e alunos vejam a arte como um instrumento interdisciplinar, ou seja, que ela auxilia a ação educativa em diversas áreas do conhecimento e disciplinas escolares além de transmitir conhecimentos de outras culturas.

Ao realizar atividades artísticas, os alunos/as desenvolvem sua autoestima, autonomia, senso estético, ampliam a capacidade de imaginar, simbolizar, analisar, avaliar, julgar, expor ideias e sentimentos.

As aulas de artes são momentos privilegiados para se efetuarem estas atividades e os professores devem estar preparados para conduzirem este processo de maneira competente, pois, além de desenvolverem a percepção estética, o ensino em arte pode propiciar aos alunos um relacionamento criativo com as outras disciplinas do currículo.

Desta forma, é necessário pesquisar e conhecer como e o que é ministrado nas aulas de artes bem como traçar um perfil dos professores que atuam nesta área, a fim de ter uma visão mais ampla da prática pedagógica e realizar reflexões pertinentes a este tema, bem como esmiuçar atividades que possam colaborar para este processo de ensino/aprendizagem.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo identificar a forma em que ocorrem as práticas docentes, bem como demonstrar as possibilidades metodológicas para o ensino de Artes. Será abordado de forma sistêmica, primeiramente, o Ensino da Arte, sua história e desafios, e em seguida relatará uma pesquisa de campo, realizada em uma escola pública do Município de Rancho Alegre D' Oeste - Pr, na qual com o ensino da confecção de Origamis procurou-se tornar o ensino de arte interessante aos olhos dos alunos.

Para tanto este trabalho divide-se desta forma:

No capítulo dois – O Ensino de Arte no Brasil - será abordado o conceito de Artes, a história do ensino de artes, principalmente no Brasil, a função da escola e do

professor de Arte, e a legislação que define o ensino de Artes no Brasil, abordagem esta efetuada a partir de análise bibliográfica e documental.

No capítulo três será abordado à prática para o ensino de ensino da arte utilizando origamis - é descrito um estudo de caso, bem como uma intervenção realizada em uma escola municipal demonstrando as possibilidades da utilização da dobradura de papeis para o ensino de artes.

No capítulo quatro serão abordados os resultados e discussões que ocorreram no durante a pesquisa de campo.

Nas considerações finais, são expressos os principais aspectos desta pesquisa, relatando de forma sucinta não conclusiva, mas apontamento sobre as possibilidades para o ensino de artes.

2. O ENSINO DE ARTE NO BRASIL

2.1 Arte: conceito e história

Definir o que é arte não é das tarefas mais fáceis, já que seu conceito e desenvolvimento estão atrelados ao desenvolvimento da própria humanidade. O que é arte então é definido pelo período e pela sociedade em qual se vive. (COLI, 1995)

Cunha e Saraiva afirmam que:

Definir arte, dizia Read, é tão difícil como definir o ser humano. A forma mais simples de defini-la seria a de dizer que a Arte é feita pelo Homem. Assim, é claro, coloca-se de lado a Arte como fenômeno: flores, conchas, um por do sol. Esta definição, se é por demais simples, tem a vantagem de ser prática (página 14).

A partir desta concepção a Arte é uma construção humana e social, esta suscetível as transformações conceituais e históricas a ela associada, pois, os conhecimentos direcionados para a análise artística, delimita-se aos subsídios que cada tempo, cultura e sociedade disponibilizam, tanto no sentido de aceitação, quanto no sentido de critica e possíveis transformações. (COLI, 1995)

No que refere-se ao acesso dos sujeitos aos bens artísticos, culturalmente constituídos, uma concepção importante a destacar, reside no fato de que, só apropria-se dos sentidos da arte, aquele que a ela tem acesso, mas um acesso coerente e significativamente elaborado, o que pressupõem, a urgente importância de que a mesma seja democratizada, e inserida no ideário social daqueles. Para Coli (1995, p. 10 e 11) “o importante é termos em mente que o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais recai.”

A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade, ao observar uma dança indígena, estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice-versa. Nessa perspectiva, a área de Arte tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico como fato e necessidade de humanizar o homem histórico, brasileiro, que conhece suas características tanto particulares, tal como se mostram na criação de uma arte brasileira, quanto universais, tal como se revelam no ponto de encontro entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexplicável. (Brasil, 1997, p. 33)

Neste sentido a arte enquanto expressão de uma realidade, tanto consciente, pertencente ao mundo real, quanto inconsciente, pertencente ao mundo das ideias e imaginação, deve ser constantemente analisada e interpretada, uma vez que muitas vezes sua utilização é realizada em prol da alienação e do consumismo de massa e impregnada de ideologias implícitas, que se servem da ingenuidade do seu observador para dominá-lo e enganá-lo. (JOLY, 1996)

Assim, pode-se considerar que um dos papéis do historiador da arte, em relação a seu objeto de estudo, consiste em, compreender e desmitificar a concepção de arte como algo supérfluo, elitista e distante da realidade social, concebendo-a como um processo histórico, que traz em si elementos capazes de transformar tanto os sujeitos, quanto a sociedade onde interagem, e como tal, devem incumbir-se do direito de conhecer a arte em plenitude.

2.2 O ensino Arte no Brasil: retrospectiva histórica

Entender e estudar a história da arte é importante devido as suas inúmeras contribuições para as atividades humanas, dentre as quais pode-se citar o fato da arte ser um instrumento que reflete e expressa características predominantes, consideradas pelo artista, é claro, de uma certa sociedade e momento histórico, o que possibilita, ao observador de outras sociedades e momentos históricos, identificar através dos movimentos artísticos, obras de artes e demais manifestações, as peculiaridades de determinados indivíduos sociais e sua época.

Entretanto, o ensino da arte no âmbito escolar é relativamente recente como relatam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997, p. 20)

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo. (BRASIL, 1997, p.20)

Desta forma, as mudanças nas concepções e o próprio desenvolvimento do ensino da arte estão inteiramente ligados ao próprio desenvolvimento das concepções

pedagógicas que tratam do processo de ensino/aprendizagem, como argumentam Ferraz e Fusari (2010, p.23)

As práticas educativas aplicadas em aula vinculam-se a uma pedagogia, ou seja, a uma teoria de educação escolar. Ao mesmo tempo, as nossas práticas e teorias educativas estão impregnadas de concepções ideológicas, filosóficas, que influenciam tal pedagogia. É claro que isto ocorre igualmente com o ensino escolar de Arte: nossa concepção de mundo embasa as correspondências que estabelecemos entre as aulas de Arte e as mudanças e melhorias que acreditamos prioritárias na sociedade.

A arte acadêmica iniciou seu percurso no Brasil ainda no século XVII, no governo de Maurício de Nassau (1567-1625), onde trouxe exímios pintores para que registrasse o cotidiano e as paisagens de Pernambuco, que há pouco havia conquistado. Nos séculos XVII e XVIII, a arte Brasileira se desenvolveu no sentido principalmente da arte sacra, refletindo os interesses da Coroa Portuguesa e da Igreja Católica. (ROSA; SCALEA, 2006, p. 29)

A vinda da corte portuguesa ao Brasil logo ao início do século XIX, deu novo ânimo a Arte Brasileira. Neste período o Rei Dom João VI instalou a Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, a qual dedicava-se principalmente a pintura histórica e a de retratos. (ROSA; SCALEA, 2006, p. 32)

Este período inicial foi marcado também pela influência francesa no estilo e na produção artística, principalmente após a vinda da Missão Francesa vinda em 1816.

Os integrantes da Missão Francesa que aqui chegaram em 1816 eram membros do Instituto de França que havia sido aberto em 1795 para substituir as velhas academias de arte suprimidas pela Revolução Francesa. Sob a supervisão e a influência de Jacques Louis David (1748-1825), o mestre do Neoclássico, o Instituto de França logo alcançou reputação superior à cole des Beaux-Arts e influenciou as escolas de toda a Europa por ser metodologicamente a instituição mais moderna de seu tempo. Portanto, o Neoclássico, através do qual se expressavam os artistas da Missão Francesa quando para cá vieram organizar a nossa primeira escola de arte, era o estilo de vanguarda naquele tempo na Europa. (UNESP, 2011, p. 6)

No período que vai até o final do século XIX, houve pouca mudança no ensino de artes, tanto pelas academias quanto pelas então escolas secundárias. A concepção de arte era bastante elitizada, valorizando principalmente a influência Européia, no qual eram reproduzidas cenas e paisagens da Europa, havia um certo menosprezo as paisagens e a própria produção artística popular. (UNESP, 2011)

Ao fim do Século XIX, ocorrem intensas transformações na ordem política e social do país (Abolição da Escravatura, Proclamação da República), que refletiram também na produção artística e no ensino da arte.

Quando os ideais positivistas e liberais da República se instauraram após as reformas educacionais, o desenho foi a principal linguagem artística presente nas escolas, pois para os positivistas, ele auxiliava na educação da mente, contribuindo para o estudo da ciência, e, na visão liberal, ele contribuía na preparação do povo para o trabalho [...].

No momento de crise do sistema agrário comercial, início da expansão e do desenvolvimento industrial, em que a capacidade de trabalho técnico/rendimento individual era importante, a disciplina de ginástica, na educação física, e a de desenho, em artes, colaboravam para a então política de crescimento do Brasil. (STRAZZACAPPA, 2006, p. 45)

Apesar de algumas diferenças, o ensino de Artes durante a maior parte do Século XIX e início do XX, era influenciada pela tendência pedagógica denominada Tradicional, onde o professor é a figura central do processo, levando a um ensino mecanizado e desvinculado dos aspectos do cotidiano. Ferraz, Fusari (2010, p. 25)

Nas aulas de Arte das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mais ligada às cópias do “natural” e com a apresentação de “modelos” para os alunos imitarem. Esta atitude estética implica a adoção de um padrão de beleza que consiste sobretudo em produzir; se e em oferecer; se à percepção, ao sentimento das pessoas, aqueles produtos artísticos que se assemelham com as coisas, com os seres, com os fenômenos de seu mundo ambiente. Podem se apresentar como “cópias” do ambiente circundante (produção artísticas mais realistas) ou como gostariam que ele fosse (produções artísticas mais idealistas). (FERRAZ, FUSARI, 2010, p. 25)

O início do século XX, representa marco importante para Arte no Brasil, principalmente pela repercussão da Semana de Arte Moderna de 1922, a qual motivou-se no encontro e na valorização de uma arte fundamentalmente brasileira. Entretanto, isto não significou que o ensino de artes fosse modificado de imediato.

A Semana de 22, que introduziu o Brasil estrondosamente no Modernismo, não repercutiu de imediato no ensino da arte. Quando a partir de 1927, o ensino da arte volta a ser objeto de discussões isto se deveu principalmente a modernização educacional.

Com a crise político-social contestatória da oligarquia e a tentativa de instauração de um regime mais democrático, uma reflexão sobre o papel social da educação aflora novamente.

Desta vez é a educação primária e a escola que se tornam o centro das atenções reformistas através do movimento que ficou conhecido pelo nome de ‘escola nova’. Defendia-se, então, o mesmo princípio liberal de arte integrada no currículo, ou melhor, de arte na escola para todos.

Entretanto, enquanto os liberais tinham como objetivo o ensino dos aspectos técnicos do desenho para preparar para o trabalho, a ‘escola nova’ defendia a idéia da arte como instrumento mobilizador da capacidade de criar ligando imaginação e inteligência. (UNESP, 2011, p. 15)

Neste período fortaleceu-se a concepção pedagógica da Escola Nova que defendia um ensino centrado nas expectativas, interesses e motivações dos alunos,

considerando o ensino e a aprendizagem como um processo basicamente de pesquisa e interesse individual e/ou de pequenos grupos.

Para Ferraz, Fusari (2010, p. 38)

[...] na Pedagogia Nova, a aula de Arte traduz-se mais por um proporcionar condições metodológicas para que o aluno possa “expressar-se” subjetiva e individualmente. Conhecer significa conhecer-se a si mesmo; o processo é fundamental, o produto não interessa. Visto como ser criativo, o aluno recebe todas as estimulações possíveis para expressar-se artisticamente. Esse “aprender fazendo” o capacitaria a atuar cooperativamente na sociedade.

Outra ruptura importante no processo de ensino aprendizagem de Arte aconteceu, também modificado por modificações políticos sociais no Brasil. Após 1964, após o golpe militar, houve grande repressão ao meio artístico e também um intenso controle daquilo que era ensinado em sala de aula. Desta forma nas décadas de 1960 e 1970, instala-se nas escolas brasileiras a tendência tecnicista.

Numa aparente contradição, foi nesse momento de repressão política e cultural que o ensino de Arte (disciplina de Educação Artística) tornou-se obrigatório no Brasil. Entretanto, seu ensino foi fundamentado para o desenvolvimento de habilidades e técnicas, o que minimizou o conteúdo, o trabalho criativo e o sentido estético da arte. Cabia ao professor, tão somente, trabalhar com o aluno o domínio dos materiais que seriam utilizados na sua expressão.

No currículo escolar, a Educação Artística passou a compor a área de conhecimento denominada Comunicação e Expressão. A produção artística, por sua vez, ficou sujeita aos atos que instituíram a censura militar. Na escola, o ensino de artes plásticas foi direcionado para as artes manuais e técnicas e o ensino de música enfatizou a execução de hinos pátrios e de festas cívicas. (PARANÁ, 2008, p. 43)

Apesar da perseguição política e do controle governamental sobre o que era produzido, houve grande resistência dos artistas o que possibilitou um intenso desenvolvimento das artes neste período, entretanto, na escola a Arte era tratada de maneira inferiorizada em relação as outras disciplinas. Ferraz, Fusari (2010, p. 39) fazem breve descrição sobre o período.

No início dos anos 1970, concomitante ao enraizamento da pedagogia tecnicista no Brasil, é assinada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 5692/71., que introduz a educação Artística no currículo escolar. Os professores de Desenho, Música, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Artes Aplicadas, que vinham atuando segundo os conhecimentos específicos de suas linguagens, viram esses saberes repentinamente transformados em “meras atividades artísticas”. Desde a sua implantação, observa-se que a Educação Artística é tratada de modo indefinido, o que fica patente na redação de um dos documentos explicativos da lei, o Parecer n. 540/77: “não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”

A partir dos anos de 1980, o país iniciou o processo de redemocratização, estabelecendo-se uma nova constituição e seguindo novas orientações sobre a educação com a homologação da Lei de diretrizes e Bases da Educação 9394 em 1996 e a instituição dos Parâmetros curriculares nacionais em 1997. Apesar dos PCNs seguirem a abordagem construtivista, no contexto educacional houve diversificação das tendências pedagógicas, com a adoção de tendências pedagógica baseadas no construtivismo, da linhagem teórica de Piaget, na tendência histórico - crítica baseada em Vygostky e também na pedagogia da libertação de Paulo Freire.

Mesmo com este ecletismo nas concepções teóricas, o ensino de arte ainda é visto como secundário para o processo de ensino aprendizagem, ao passo que é necessário um árduo percurso para a compreensão da arte enquanto instrumento essencial para o desenvolvimento de sujeitos críticos e conscientes e para a constituição de uma sociedade verdadeiramente democrática.

2.3 O Ensino de Arte: a função da escola e do professor

A arte sempre esteve presente na vivência humana, como afirma Buoro (2001) contribuindo para que o homem descobrisse e conhecesse o espaço em que estava inserido, de maneira a adaptar-se ao mesmo.

Buoro (2001) enfatiza a necessidade de a arte ser usada na escola como o instrumento mediar do desenvolvimento das potencialidades criativas dos alunos, propiciando a estes o afloramento de sua auto-estima.

Nessa perspectiva, é preciso repensar a formação do educador e do educando no sentido de possibilitar o conhecimento, levando em conta a totalidade do ser e de perceber a função da Arte na educação como um campo de conhecimento tão importante como o da ciência.” (BUORO, 2001, p. 32).

Assim, a finalidade do ensino da arte deve contribuir para a formação de alunos críticos e criativos, que reconheçam na arte uma possibilidade de entender e atuar na e pela realidade.

A arte como disciplina escolar é um estímulo a todos os aspectos do desenvolvimento humano e oportuniza a expressão de sentimentos e necessidades fundamentais para a formação humana, através das várias modalidades artística-música, dança, teatro, artes visuais ou audiovisuais. Como afirmam Ferraz e Fusari (2010, p. 19):

A formação escolar pode e deve contribuir para que os alunos, a partir dessas vivências, desenvolvam, durante os cursos, novas habilidades e saberes básicos, significativos e ampliadores de suas sensibilidades e cognições a respeito dessas modalidades artísticas. (FERRAZ E FUSARI, 2010, p. 19):

A escola é o espaço onde ocorre não apenas a transmissão de conhecimentos, mas, onde as ideologias são processadas, e se prestam, tanto para o controle, quanto para o desenvolvimento da criticidade e cidadania dos sujeitos abrangidos pela educação escolarizada.

Barbosa (2003, p.18) afirma que

A Arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2003, p.18)

Muitas abordagens teóricas, ao longo da história da educação, concebiam a escola como um espaço neutro, desvinculada da realidade social, e como tal, exerceria apenas a função de transmissora de saberes, sendo o aluno apenas um receptor passivo. Neste sentido Luckesi (1994, p.56) afirma que “o compromisso da escola é com a cultura, os problemas sociais pertencem à sociedade.”.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.(Brasil, 1997, p. 19)

Como afirma Marx (apud LUCKESI, 1994, p.78) “os filósofos não fazem mais do que interpretar o mundo de formas diferentes; trata-se, porém, de modificá-la.”, assim, é necessário partir de uma abordagem que reflita a escola enquanto mediadora na transformação social.

Daí que, no nosso caso, a escola, como uma instância de ação, surgida das próprias necessidades históricas de ação, surgida das próprias necessidades históricas da humanidade, adquire um significado especial como uma das instituições onde nossos ideais educacionais podem traduzir-se em prática pedagógica e, pois, em práticas sociais e políticas. (LUCKESI, 1994, p. 78).

A escola deve ser pensada como o espaço da mediação do conhecimento, sendo a instância social capaz de promover o desenvolvimento da criticidade dos indivíduos, que devem atuar dialeticamente sobre o conhecimento, contribuindo assim para a transformação da sua sociedade.

A escola que queremos é aquela onde os educadores estão profundamente interessados na educação dos seus alunos. Para tanto, trabalham efetivamente para que seus educandos adquiram os legados culturais elaborados pela humanidade, que formem um espírito de solidariedade, de um modo afetivamente positivo.

A escola, direcionada nessa perspectiva, será o local onde educadores e educandos em uma relação democrática, porque interessados num objetivo único – a formação dos educandos -, dedicam-se conjuntamente em atividades que elevam o seu modo de ser e de viver. Elevação esta que terá um papel significativo na democratização da sociedade como um todo. (LUCKESI, 1994, p. 88).

Neste sentido, pode-se considerar que a escola não é um espaço neutro, e alheio a sociedade em que sistematiza suas práticas, de modo que, a depender do olhar a ela direcionado, tanto pode direcionar-se a manipulação e ideologização dos sujeitos, quanto para sua emancipação e formação crítica, em face das inúmeras transformações que ocorrem naquela.

A educação em arte ganha crescente importância quando se pensa na formação necessária para uma adequada inserção social, cultural e profissional do jovem contemporâneo. Ela imprime sua marca ao demandar um sujeito da aprendizagem criador, propositivo, reflexivo e inovador. Se hoje o aluno deve ser formado para enfrentar situações incertas e para resistir às imposições de velocidade e de fragmentação que caracterizam a contemporaneidade, a arte pode colaborar e muito.

Na construção da identidade artística das crianças e dos jovens que freqüentam as escolas, os professores têm um papel significativo. Sua colaboração é ainda maior quando sabem respeitar os modos de aprendizagem e dedicar o tempo necessário a fornecer orientações e conteúdos adequados para a formação em arte, que inclui tanto saberes universais como aqueles que se relacionam ao cotidiano do aluno. (IAVALBERG, 2010, p. 2)

Isto é, a arte propicia que o indivíduo enquanto sujeito sócio-histórico reconheça sua realidade, e a partir dessa se expresse com consciência e criatividade no espaço em que está inserido.

Desta forma como afirma Buoro (2001, p. 25)

[...] ao expressar-se por meio da arte, o aluno manifesta seus desejos, expressa seus sentimentos, expõe enfim sua personalidade. Livre de julgamentos, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta.

Entretanto em muitas escolas ainda há dificuldades no ensino da arte, onde o mesmo é apresentado de forma privilegiar a repetição e a padronização, desestimulando a criatividade e conseqüentemente a criticidade dos alunos. Brasil (1997, p. 26) corrobora com esta visão

Em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, o desenho mimeografado com formas estereotipadas para as crianças colorirem, ou se apresentam “musiquinhas” indicando ações para a rotina escolar (hora do lanche, hora da saída). Em outras, trabalha-se apenas com a auto-expressão; ou, ainda os professores estão ávidos por ensinar história da arte e levar os alunos a museus, teatros e apresentações musicais ou de dança. Há outras tantas possibilidades em que o professor polivalente inventa maneiras originais de trabalhar, munido apenas de sua própria iniciativa e pesquisa autodidata. (BRASIL, 1997, p. 26)

Desta maneira, na maioria das vezes não é respeitada a criatividade do aluno, nem lhe é permitido expressar as suas vivências e experiências, o que limita seu desenvolvimento a algo padronizado, tornando para os alunos as aulas de artes desestimulantes e distantes de sua realidade.

Ensinar arte em consonância com os modos de aprendizagem do aluno, significa, então, não isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias. E tudo isso integrado aos aspectos lúdicos e prazerosos que se apresentam durante a atividade artística. (Brasil, 1997, p. 33)

Por outro lado cabe ainda, a discussão da falta de recursos materiais para o ensino de artes, em muitas escolas alunos e professores não tem acesso ao mínimo de materiais para o desenvolvimento artístico. Por falta destes recursos e também muitas vezes pelo seu despreparo o professor se vê obrigado a reduzir sua disciplina a atividades mais simplistas.

Portanto, quando se trata do Ensino de Artes, a atuação do professor e da escola não pode ser limitar a reprodução de sistemáticas que inibam a criatividade do aluno, pelo contrario as ações devem voltar-se ao estímulo da criatividade e do reconhecimento da potencialidade do aluno.

É bom lembrar, contudo, que Arte, em educação, não significa, de forma alguma, educação artística no seu sentido mais tradicional, de formar artistas, e sim educação pela arte, tal como a consideramos, é o caminho da elaboração de condutas harmônicas da personalidade humana, através de diferentes oportunidades e situações criadoras, expressando a verdadeira medida de cada um, na sua altura peculiar, como disse bem Rozza Zoladz. A educação com um sentido criador-pela arte – deve visar não só os diferentes modos de percepção e sensação entre si com o meio ambiente, mas também a expressão de sentimentos de forma comunicável. (CUNHA; SARAIVA, s.d., p.21)

A Arte enquanto instrumento mediador do processo de ensino/aprendizagem, abre um leque de possibilidades metodológicas no ensino da escrita, leitura, matemática, bem como, amplia a consciência em relação à visão de mundo e criticidade dos envolvidos pelo mesmo processo.

2.4 O ensino de Arte: Aspectos legais

Apesar, do ensino de artes, estar presente nas escolas brasileiras desde o século dezanove, somente com a aprovação da Lei 5692/71, que ele passou a fazer parte do currículo escolar oficial, entretanto sem ser considerada como disciplina, mas como atividade educativa.

Em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a arte é incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina. A introdução da Educação Artística no currículo escolar foi um avanço, principalmente se se considerar que houve um entendimento em relação à arte na formação dos indivíduos, seguindo os ditames de um pensamento renovador. No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas). Para agravar a situação, durante os anos 70-80, tratou-se dessa formação de maneira indefinida: “... não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”. A Educação Artística de mostrava, em sua concepção e desenrolar, que o sistema educacional vigente estava enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática. (BRASIL, 1997, p. 24)

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9394/96, passa ser obrigatório o ensino fundamental, objetivando a formação básica dos cidadãos em seus aspectos de apropriação da leitura, escrita, do cálculo, a compreensão do espaço em que estão inseridos, da visão política e tecnológica que norteia esta sociedade, bem como a consciência artística e dos valores que a fundamentam. Neste contexto torna-se também obrigatório o ensino de artes, conforme expressa o parágrafo 2º do artigo 26 da LDB, “*O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos*”

No ano de 1997, com o objetivo de criar um padrão a ser seguido em todo o território nacional no que diz respeito ao que seria ensinado nas escolas públicas, o governo federal editou os Parâmetros Curriculares Nacionais. Assim, a disciplina de Artes pretende que ao final do ensino fundamental, os alunos sejam capazes de.

- expressar e saber comunicar-se em artes mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em artes (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- edificar uma relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no

percurso de criação que abriga uma multiplicidade de procedimentos e soluções;

- compreender e saber identificar a arte como fato histórico contextualizado nas diversas culturas, conhecendo respeitando e podendo observar as produções presentes no entorno, assim como as demais do patrimônio cultural e do universo natural, identificando a existência de diferenças nos padrões artísticos e estéticos;

- observar as relações entre o homem e a realidade com interesse e curiosidade, exercitando a discussão, indagando, argumentando e apreciando arte de modo sensível;

- compreender e saber identificar aspectos da função e dos resultados do trabalho do artista, reconhecendo, em sua própria experiência de aprendiz, aspectos do processo percorrido pelo artista;

- buscar e saber organizar informações sobre a arte em contato com artistas, documentos, acervos nos espaços da escola e fora dela (livros, revistas, jornais, ilustrações, diapositivos, vídeos, discos, cartazes) e acervos públicos (museus, galerias, centros de cultura, bibliotecas, fonotecas, videotecas, cinematecas), reconhecendo e compreendendo a variedade dos produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas e etnias. (BRASIL, 1997, p. 39)

Uma análise um pouco mais profunda destes objetivos demonstram ainda resquícios do tecnicismo, da influência neoliberal pela qual foram elaborados os Parâmetros, onde percebe-se claramente uma preferência das artes visuais e do desenho que refletem a formação para o trabalho.

Neste sentido, mesmo sendo reconhecida como conteúdo e disciplina obrigatória ao ensino fundamental, a Artes ainda é vista de certa forma como apenas como um elemento auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

2.5 O ensino de Arte na Escola: Recurso auxiliar

O professor de arte nem sempre consegue trabalhar seus conteúdos de forma adequada, seja pela má formação, pela falta de tempo ou mesmo pela falta de recursos materiais.

Diante estas dificuldades o trabalho com dobraduras de papel ou Origamis, por utilizar de material acessível e não demandar muito tempo é uma boa alternativa, para que o ensino de Arte cumpra seu papel no desenvolvimento da criança.

O origami – que vem do japonês ORI = dobra e KAMI = Papel – é uma técnica oriental milenar que surgiu na China por volta do ano 105 d.C. junto com o advento do papel e posteriormente foi aperfeiçoada no Japão. No início, essa técnica era utilizada apenas em cerimônias Xintoístas, mas com a queda do preço do papel, ela se popularizou. Tal técnica constitui-se de dobraduras que normalmente utilizam o papel como suporte, mas a técnica pode utilizar-se de outros materiais, como alumínio, couro, tecidos e até alimentos (Gênova, 2000). Atualmente esta técnica é amplamente conhecida por todo o mundo devido a globalização e a industrialização do papel, sendo

utilizada em diversas áreas como medicina, robótica, design, música, educação e paleontologia como instrumento de divulgação científica. (MELO; MONÇÃO; MACHADO, P. 50, 2007)

O trabalho com dobraduras de papel é um recurso pertinente para auxiliar o professor nos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, como fonte de visualização espacial de um objeto, para o desenvolvimento de aspectos como aspectos como a concentração, a criatividade, a persistência, a meticulosidade, a atenção, a autoconfiança, o esforço pessoal, a coordenação motora fina e, sobretudo, a criatividade, sendo fonte para um trabalho interdisciplinar bastante interessante. Esta arte milenar japonesa oferece recursos para auxiliar o desenvolvimento cognitivo motor de todo aquele que dela se utiliza, pois permite um amplo processo de criação.

Neste sentido, este trabalho a partir de agora, verificará como as dobraduras de papel (origami) podem contribuir para o desenvolvimento de alunos do 4º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal do município de Rancho Alegre D' Oeste, Estado do Paraná. Verificará para tanto quais são as metodologias adotadas por docentes ao lecionar as aulas de Educação Artística, e quais as dificuldades encontradas por eles ao ensinar, bem como quais as dificuldades encontradas pelos discentes em aprender. Além disso baseado no princípio da pesquisa-ação, o pesquisador descreverá como ocorreu a intervenção e a proposta de trabalho como os origamis.

3 METODOLOGIA

3.1 Pesquisa Bibliográfica

O desenvolvimento deste trabalho requereu diferentes abordagens metodológicas, a qual se utilizou da pesquisa bibliográfica, de um estudo de caso e de uma intervenção em sala de aula.

Primeiramente efetuou-se um levantamento bibliográfico a respeito da temática, explorando as produções de base científica já produzidas.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas. (GIL, 2002 p. 44)

Esta pesquisa bibliográfica revelou a ampla diversidade de pensamentos e opiniões que envolvem o ensino da arte, revelando a necessidade de se realizar um estudo de caso, que segundo, Goldenberg (2007, p. 34) considera a heterogeneidade e promove uma discussão que não fica preso á medias aritméticas que podem expressar o pensamento da maioria, mas não revela as particularidades de cada objeto estudado.

3.2 Pesquisa de campo

Em seguida foram distribuídos questionários para professores e alunos, colhendo inclusive depoimentos por meio de questionários pré-elaborados, com o intuito de verificar a familiaridade destes com o ensino da arte e suas implicações dentro da escola. Este levantamento permitiu amparar a pesquisa também em bases quantitativas. Para Goldemberg (2004, p. 62)

A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões de modo a ter maior confiança que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. (Goldemberg, 2004, p. 62)

Outro aspecto da pesquisa foi a abordagem e a intervenção direta do pesquisador em sala de aula remontando a Pesquisa-Ação, que trata-se de uma pesquisa baseada na

experiência, cujo pesquisador desenvolve-a em parceria com os envolvidos na situação problema observada, sendo, pois, de caráter participativo.(Thiollent, 2005)

Quando a busca de transformação é solicitada pelo grupo de referencia à de pesquisadores a pesquisa tem sido conceituada como pesquisa ação colaborativa, onde a função do pesquisador será a de fazer parte e cientificar um processo de mudança anteriormente desencadeado pelos sujeitos do grupo. (PIMENTA, 2005, p.534).

3.3 Caracterização e perfil social e cultural da sala de aula pesquisada

A escola estudada é mantida pelo município e oferta o ensino fundamental do 1º ao 5º anos e funciona em dois turnos (matutino, vespertino), conta com aproximadamente 230 alunos divididos em 10 turmas no ensino regular. A escola é a única que oferta esta modalidade de ensino no município, mas ainda no mesmo prédio funciona um Colégio Estadual no qual são ofertados o Ensino Fundamental (6º ao 9º anos) e Ensino Médio.

Outro aspecto, relevante do município é que este dispõe de pouquíssimos espaços para a realização de atividades culturais, não há cinema, teatro ou museu, os alunos têm como única opção de diversão as atividades esportivas realizadas no ginásio municipal.

O papel da escola para o desenvolvimento artístico é fundamental, pois neste município é um dos únicos locais onde os alunos podem realizar atividades como dança, música, teatro, pintura, etc.

A direção do estabelecimento de ensino foi o primeiro foco de abordagem para a realização do estudo. Neste sentido, procurou-se constatar quais os desafios que a escola enfrenta no sentido de um trabalho docente para o ensino de Artes.

A diretora esclareceu que por se tratar de uma comunidade carente, com problemas sociais e econômicos consistentes e comunidade escolar com grau de instrução precário, o acesso as produções artísticas é bastante limitado, além disso, ainda segundo a diretora a maioria de seus professores não tem formação consistente em artes, o que faz com normalmente dêem preferência a outras disciplinas, como português e matemática.

A partir da análise do Projeto Político Pedagógico, da Proposta Pedagógica Curricular e dos Planos de Ação Docente, constatou-se que o ensino de Artes aparece

sempre de maneira superficial, não sendo esclarecidas as metodologias e quais os resultados esperados com os conteúdos trabalhados.

Em conversa com as educadoras da escola, as mesmas esclareceram que ao trabalharem arte, o fazem de maneira rápida, utilizando como forma de **descontração**, inclusive em razão do pouco tempo das aulas para tratar de todas as disciplinas do currículo, onde conforme já ressaltado, são priorizadas constantemente as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

3.3.1 Atividade com os professores

Diante a identificação das dificuldades pelas quais professores e alunos enfrentam no ensino e aprendizagem de Artes, optou-se por desenvolver atividades com os alunos, afim de trabalhar conceitos artísticos simples, bem como desenvolver atividades prazerosas para professores e alunos.

Um dos primeiros passos desenvolvidos nesta prática teórico/metodológica, centralizou-se em observar como as aulas de Artes eram sistematizadas, a fim de perceber o enfoque curricular objetivado na escola.

Para efeitos desta abordagem, foi escolhido o 4º ano do Ensino Fundamental do período da tarde. A turma é composta por 23 alunos na faixa etária de 8 a 10 anos, nesta turma, a maioria dos alunos reside no perímetro urbano, mas também atende os alunos da zona rural, o que propicia uma grande diversidade.

Percebeu-se que, na turma escolhida, as aulas de artes direcionavam-se especificamente a pintura de materiais já prontos, cantigas infantis e algumas produções com massa de modelar.

Ao perceber que, os alunos não possuíam uma cultura de convivência com outras linguagens artísticas, pensou-se na necessidade de acrescer o período estipulado para o direcionamento do estudo de caso e intervenção pedagógica. Procurou-se então desenvolver uma atividade que fosse atrativa aos alunos, de fácil orientação pelos professores e que não necessitasse de materiais muito elaborados, visto a dificuldade de obtenção de materiais tanto pela escola, quanto pelos próprios alunos.

Independente das possibilidades físicas e materiais, no encontro com a Arte enquanto objeto de conhecimento, haverá sempre a necessidade de um educador sensível, capaz de criar situações em que, possa ampliar a leitura e a compreensão de homens e mulheres sobre o seu mundo, sua cultura. Capaz, ainda de abrir diálogos, internos, enriquecidos pela socialização dos saberes e

das perspectivas pessoais de cada produtor/fruidor/aprendiz. O objetivo maior, então, não é simplesmente propiciar que os aprendizes conheçam apenas artistas com Monet, Picasso ou Volpi, mas que os alunos possam perceber e conhecer com o homem e a mulher, em tempos e lugares diferentes puderam falar de seus sonhos e de seus desejos, de sua cultura, de sua realidade e de suas esperanças e desesperanças, de seu modo singular de pesquisar a materialidade por intermédio da linguagem de Arte. (MARTINS, 2003, p. 56)

Foi escolhida a técnica da dobradura de papéis ou origamis, pois contempla todos os aspectos supracitados e permite um desenvolvimento interdisciplinar. Assim desenvolveu-se um planejamento de quatro aulas onde foi demonstrando, mesmo que brevemente, elementos fundamentais da confecção e produção de origamis, começando com a concepção de formação geométrica, partindo a figuras simples como a do barquinho, passando por elementos um pouco mais elaborados, como a borboleta e até mesmo o *Tsuru*¹.

Com objetivo principal de aproximar os alunos das formas geométricas e também das possibilidades que a dobradura de papel apresenta, na primeira atividade proposta aos alunos, foi solicitado que com o auxílio de réguas medissem e cortassem um pedaço de papel em formato de quadrado. A partir desta, foi demonstrado as várias possibilidades de dobra, onde incentivou-se que os alunos a partir do quadrado formassem e identificassem novas formas geométricas, a qual perceberam que conforme dobrassem, a princípio poderiam obter triângulos, retângulos, losangos ou quadrados menores.

Nesta primeira aula, foi trabalhada ainda a história “As três partes” do autor, Edson Luiz Kosminski, que resumidamente trata da história de uma casa que cansou de ser casa e dividiu-se três partes, três figuras geométricas que se reposicionando passam a formar novas figuras, onde foi incentivado que os alunos ao final da aula fizessem sua própria história organizando as formas a fim de formar novas figuras. Com esta atividade houve a percepção de que os alunos estavam bastante condicionados a orientação do professor, questionavam a todo momento a cor que era para pintar as figuras, o tamanho e que figuras eram pra ser feitas, além disso a maioria dos alunos produziu quase que cópia idêntica da história narrada anteriormente.

Na segunda aula, o optaram-se pela orientação do passo a passo da construção de dobraduras bastante simples, a figura do “barquinho” e a borboleta.

¹ Tsuru é o origami que representa uma ave venerada no Japão como símbolo de felicidade, longevidade, fidelidade e boa sorte.

A terceira aula aconteceu de forma a dar sequência a segunda, onde foram trabalhadas novas dobraduras.

A quarta e última aula, iniciou com a apresentação dos alunos de suas histórias, a qual havia ilustrado com as dobraduras, para grata surpresa os mesmo haviam elaborados histórias bastante interessantes e mesmo com certa dificuldade para a confecção das dobraduras, tinham-na ilustradas de forma bastante interessante. Ainda a esta aula, foi solicitado para que os alunos descrevessem em um pequeno texto o que mais lhe chamou atenção nas dobraduras. Esta atividade permitiu observar que de maneira geral os alunos haviam se interessado principalmente pela possibilidade criadora dos origamis, onde não ficavam submetidos a um desenho ou forma pré-estabelecido. Ao final da aula foi organizado um mural com os textos ilustrados, bem como um “varal” onde foram colados os origamis produzidos durante as aulas.

Observou-se durante a realização da atividade que as dobraduras permitem um amplo trabalho interdisciplinar, possibilitou além da criação artística, a interação dos alunos com elementos matemáticos e da interpretação de textos, pois ao terem que escrever e ilustrar uma história os mesmo trabalham a compreensão do texto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Análise das atividades desenvolvidas

Com esta atividade houve a percepção de que os alunos estavam bastante condicionados a orientação do professor, questionavam a todo momento a cor que era para pintar as figuras, o tamanho e que figuras eram pra ser feitas, além disso a maioria dos alunos produziu quase que cópia idêntica da história narrada anteriormente.

A princípio, houve um pouco de dificuldade para a realização da atividade, principalmente porque os alunos estavam bastante agitados e não conseguiam se concentrar, motivados principalmente pelo calor que fazia, foi necessário então que se repensasse a estratégia, onde as carteiras foram afastadas e os alunos sentaram todos no chão perfazendo um círculo, isso os acalmou um pouco e foi possível que realizassem então as primeiras dobraduras. Os alunos apresentaram dificuldades durante a realização da atividade, principalmente por ainda não conhecerem corretamente as formas geométricas, onde foi explicado cada uma que se formava, e foi solicitado aos alunos que desenhassem e identificassem o formato em que o papel se convertia a cada nova dobra.

Na terceira aula foi perceptível que o interesse dos alunos havia aumentado, a cada nova figura, ficavam mais curiosos. Estes começaram a questionar quais figuras poderiam ser formadas pelas dobraduras, onde se explicou que havia muitas possibilidades e que eles mesmos poderiam descobrir novas formas. Ao final desta aula, solicitou-se aos alunos que fizessem uma história ilustrada por origamis a ser apresentada na próxima aula de artes.

Na quarta e última aula para grata surpresa os mesmo haviam elaborados histórias bastante interessantes e mesmo com certa dificuldade para a confecção das dobraduras, tinham-na ilustradas de forma bastante interessante. Ainda a esta aula, foi solicitado para que os alunos descrevessem em um pequeno texto o que mais lhe chamou atenção nas dobraduras. Esta atividade permitiu observar que de maneira geral os alunos haviam se interessado principalmente pela possibilidade criadora dos origamis, onde não ficavam submetidos a um desenho ou forma pré-estabelecido. Ao final da aula foi organizado um mural com os textos ilustrados, bem como um “varal” onde foram colados os origamis produzidos durante as aulas.

Observou-se durante a realização da atividade que as dobraduras permitem um amplo trabalho interdisciplinar, possibilitou além da criação artística, a interação dos alunos com elementos matemáticos e da interpretação de textos, pois ao terem que escrever e ilustrar uma história os mesmo trabalham a compreensão do texto.

4.2 Análise do questionário

De acordo com as respostas dos educadores, observou-se o seguinte:

- Os professores consideram que o tempo reservado ao ensino de artes é insuficiente;

- Não há material, nem estrutura, adequadas ao desenvolvimento pleno dos conteúdos de artes, onde consideram que deveria haver uma sala específica para aulas;

- Quanto a metodologia utilizada para o ensino de artes, houve uma variação nas respostas, mas a maioria apontava que os professores no geral não planejam suas ações quando se trata das aulas de artes;

- Os trabalhos de artes na maioria das vezes refere-se a pintura ou confecção de desenhos em folhas de papel sulfite.

- No entendimento dos professores, os alunos gostam das aulas de artes, pois é um momento de descontração e de menos rigidez nos conteúdos;

- No que diz respeito a avaliação, os professores em sua maioria apontaram como critério o “capricho” do aluno com o desenho ou a atividade.

As respostas demonstram que a visão da importância da disciplina de artes é bastante superficial, ao passo que não há uma preocupação em trazer novos recursos teóricos, didáticos, metodológicos e materiais para o seu ensino. Os professores, em geral tem a percepção de que a aula de artes, é apenas um momento de distração para o aluno e sequer efetuam um planejamento adequado destas, ignoram, desta forma toda a potencialidade do desenvolvimento criativo, intelectual e motor do aluno.

[...] o professor de arte precisa saber o alcance de sua ação profissional, ou seja, saber que pode concorrer para que seus alunos também elaborem uma cultura estética e artística que expresse com clareza a sua vida na sociedade. O professor de arte é um dos responsáveis pelo sucesso desse processo transformador, ao ajudar os alunos a melhorarem suas sensibilidades e saberes práticos e teóricos em arte. Encontrar uma maneira de organizar o trabalho de educação escolar que contribua nesse rumo é um desafio para o coletivo dos professores compromissados em conseguir escolas de melhor qualidade para toda a população. (FERRAZ E FUSARI, 2010, p. 51):

Ao reconhecer o perfil dos sujeitos envolvidos na instituição de ensino e da precariedade do ensino da Arte, procurou-se elaborar propostas de intervenção pedagógica que contribuíssem para o desenvolvimento artístico, essenciais tanto aos alunos quanto aos professores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de artes no Brasil, ao longo de sua história passou por diversas transformações, normalmente baseado nas próprias concepções e tendências pedagógicas em uso.

Por muito tempo a Artes, foi vista apenas como um conteúdo complementar ao processo de formação, mas que sempre ficava em segundo plano em relação as disciplinas como língua portuguesa e matemática.

A arte como disciplina nas séries iniciais é um estímulo a todos os aspectos do desenvolvimento humano e oportuniza a expressão de sentimentos e necessidades fundamentais para a formação humana, através das várias modalidades artística-música, dança, teatro, artes visuais ou audiovisuais.

Entretanto, muitas vezes pelo despreparo dos professores ou mesmo sob a alegação de falta de recursos materiais o ensino de artes fica subjugado, limitando-se a atividades pré-prontas que não auxiliam em nada no desenvolvimento criativo e crítico da criança, uma vez que limitam seu pensamento a algo padronizado.

Neste contexto, surge a alternativa do uso dos origamis ou dobraduras, pois além dos aspectos da criação artística, permite do desenvolvimento da criatividade, concentração, coordenação motora, além da possibilidade de uso em atividades interdisciplinares, associando a história, língua portuguesa, matemática, ciências, entres outras.

Além disso, em um país que ainda enfrenta dificuldades para o financiamento da educação, o uso de materiais simples e acessíveis como o caso do papel, é um estímulo a mais para a utilização do origami.

Ao analisar as atividades desenvolvidas em sala de aula, percebe-se que elas foram bastante estimulantes para os alunos, sendo perceptível o desenvolvimento de aspectos como a criatividade e a concentração. Sob o ponto de vista da professora, esta se disse surpresa com as possibilidades de uso das dobraduras e que pretendia adotá-las em suas aulas.

Neste sentido, ainda é bastante o percurso para o reconhecimento das aulas de artes como sendo fundamentais para o desenvolvimento criativo e crítico dos alunos, sendo os origamis uma ferramenta bastante interessante para a efetivação de práticas de ensino de artes que estimulem os alunos a pensar, não somente no objeto artístico a

sociedade produz, mas também aquilo que essa produção representa sob os aspectos culturais, sociais e históricos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mãe. **As mutações do conceito e da prática.** In:____. Inquietações e mudanças no ensino da Arte. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- BRASIL. **LDB 9394/96** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: 1996
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:Arte.** Brasília: MEC, 1998. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_5a8_historia.pdf. Acesso em 15/10/2012.
- BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção** – uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CUNHA, Vilma; SARAIVA, Terezinha. **Arte-Educação-Escola:** para as primeiras 4 primeiras séries do 1º grau. Rio de Janeiro: Cadernos didáticos, S.D.
- COLI, Jorge. **O que é arte.** 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FERRAZ, Maria Heloisa C.; FUZARI, Maria F. de Rezende. **Arte na educação Escola.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007
- IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender Arte:** sala de aula e formação de professores. Porto Alegre: Artmed, 2010
- JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem.** Tradução Marina Appenseller.Campinas- SP: Papyrus, 1996.
- LUCKESI, C. Carlos. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Cortez, 1994.
- MARTINS, Mirian Celeste. **Aquecendo uma transforma-ção:** atitudes e valores no ensino de arte. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da Arte. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MELO, Diogo J; MONÇÃO, Vinicius M.; MACHADO, Deusana M. C. **A Aplicação da técnica do origami em uma reconstrução paleoambiental do Devoniano Brasileiro.** In: MASSARINI, Luisa (org.) Simpósio Ciência e Arte 2006. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. Disponível em: http://www.fiocruz.br/museudavida_novo/media/Memorias_Ciencia_e_Arte_2006.pdf#page=50. Acesso em 27/10/2012.
- PARANÁ. **Diretrizes curriculares da Educação Básica: Arte.** Curitiba: SEED, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação:** Educação, Pedagogia e Didática. In: PIMENTA, Selma Garrido (org). Pedagogia Ciência da Educação? São Paulo: Cortez, 1996

ROSA, Nereide Schilaro Santa; SCALÉA, Neusa Schilaro. **Arte-Educação para professores:** teoria e práticas na visitação escolar. Rio de Janeiro: Penakotheke, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia. **Entre a arte e a docência:** A formação do artista de dança. Campinas: Papyrus, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** 14 ed. aum. São Paulo: Cortez, 2005.

UNESP. **Ensino de Arte no Brasil: Aspectos Metodológicos.** São Paulo: Unesp, 2011.

ANEXO A - INSTRUMENTO DE PESQUISA

QUESTIONÁRIO

1) O tempo reservado para as aulas de artes é suficiente?

Não. Porque para a realização das aulas praticas deveria ter mais aulas disponíveis durante a semana, ou pelo menos as aulas da semana for uma seguida da outra.

2) O espaço físico oferecido pela escola para trabalhar a disciplina de artes correspondem a sua necessidade? Se não considera, como em sua opinião deveria ser este espaço físico?

Sim, Pois o ambiente é adequado aos trabalhos realizados, ou seja, o espaço físico é suficiente para a realização das atividades de arte.

3) A escola disponibiliza materiais para os trabalhos artísticos?

Não. O professor de arte que compra os materiais que são utilizados nas aulas pratica.

4) Com relação ao seu trabalho como são desenvolvidos projetos/propostas/atividades? São realizados através de planejamento anual englobando os quatro bimestres.

5) Costuma trabalhar com que materiais?

EVA, cartolina, barbantes, revistas, glitter, apostila, etc.

6) Como percebe aceitação ou não dos alunos das atividades propostas?

Os alunos preferem as aulas praticas, onde a mesma tem um rendimento melhor que nas aulas teóricas.

7) Você busca estimular em seus alunos a livre expressão?

Sim. O professor deve propor situações para o aluno expressar a sua criatividade.

8) Como avalia as produções dos alunos?

Através da observação direta e participação do aluno durante a realização dos trabalhos desenvolvidos pelo mesmo.

ANEXO B – FOTOS

FOTO 01

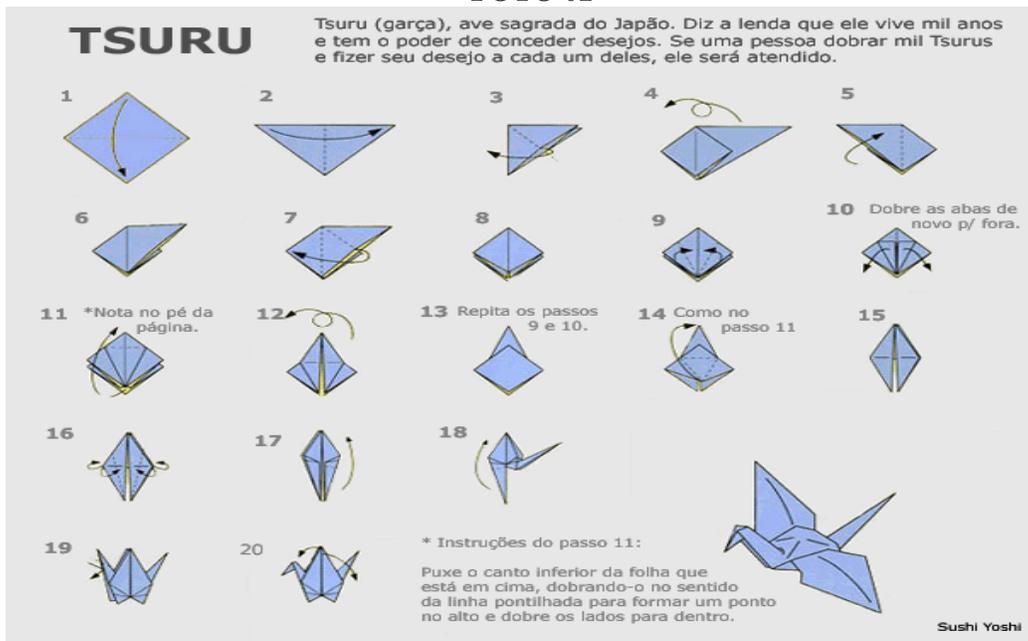


FOTO 02



FOTO 03

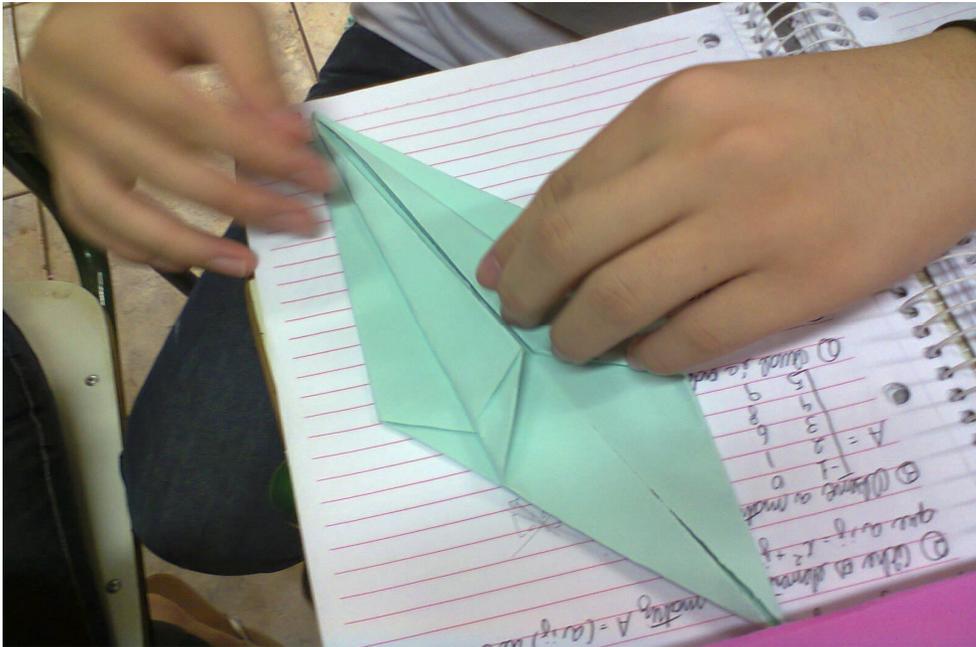


FOTO 04



FOTO 05



FOTO 06

